



E-BOOK

Dengue: Vigilância em Saúde e Responsabilidade Coletiva

Desafios sociais, prevenção e cuidados.

Um guia educativo para conscientização em saúde, promovendo ações preventivas e o engajamento coletivo no controle da dengue.

Acompanhe nossas
redes sociais

  @unifaheoficial
   Faculdade Unifahe

 www.unifahe.edu.br

O Cenário Epidemiológico Contemporâneo e os Desafios Sociais

A dengue consolidou-se como uma das maiores ameaças à saúde pública nas regiões tropicais e subtropicais do planeta, especialmente em países marcados por crescimento urbano acelerado e desigualdade social. No Brasil, a doença deixou de ser um evento sazonal previsível para se tornar um problema estrutural, exigindo respostas contínuas, articuladas e baseadas em evidências científicas. O avanço expressivo dos casos nos últimos anos evidencia que o modelo tradicional de combate ao mosquito transmissor já não é suficiente para conter a expansão da doença. A combinação entre mudanças climáticas, aumento das temperaturas médias, períodos irregulares de chuvas e urbanização desordenada criou um ambiente altamente favorável à proliferação do *Aedes aegypti*.



Esse cenário epidemiológico complexo exige uma nova forma de pensar a saúde coletiva, na qual a prevenção deixa de ser responsabilidade exclusiva do poder público e passa a ser compartilhada por toda a sociedade. Cada residência, escola, empresa e espaço comunitário transforma-se em um ponto estratégico de vigilância. A dengue não pode ser compreendida apenas como uma doença viral transmitida por um mosquito. Ela é, antes de tudo, um reflexo direto das condições socioambientais em que as populações vivem. Falhas no saneamento básico, acúmulo inadequado de resíduos sólidos e ausência de educação em saúde contribuem diretamente para a manutenção do ciclo da doença.



É fundamental compreender que a dengue não afeta apenas indivíduos isolados, mas impacta sistemas inteiros de saúde, sobrecarrega hospitais, compromete a produtividade econômica e gera custos sociais elevados. Cada surto amplia desigualdades já existentes e atinge, de forma mais severa, populações vulneráveis. A vigilância epidemiológica moderna depende da integração entre dados científicos, participação comunitária e políticas públicas eficazes. No entanto, sem o engajamento da população, qualquer estratégia institucional torna-se limitada.

Nesse contexto, a educação em saúde assume um papel central. Informar não é apenas transmitir dados, mas promover mudança de comportamento, estimular senso crítico e fortalecer a responsabilidade coletiva. A escola, a família e os espaços de convivência social tornam-se ambientes estratégicos para disseminar práticas preventivas simples, porém altamente eficazes. Pequenas atitudes diárias têm potencial de interromper o ciclo de transmissão do vírus.

É importante destacar que a redução temporária de casos não significa erradicação da doença. A dengue apresenta comportamento cíclico e pode ressurgir com intensidade ainda maior quando a vigilância é relaxada. Por isso, o combate à dengue deve ser contínuo, independente de períodos de baixa incidência. A constância das ações preventivas é o que garante resultados duradouros.

Sintomas e os Riscos da Automedicação



A dengue é uma doença infecciosa viral aguda, causada por um vírus do gênero *Flavivirus*, cuja transmissão ocorre principalmente pela picada da fêmea do mosquito *Aedes aegypti*. Após a inoculação do vírus na corrente sanguínea, inicia-se um processo complexo de replicação viral que desencadeia uma resposta imunológica intensa, afetando múltiplos sistemas do organismo humano. Do ponto de vista fisiopatológico, o vírus da dengue possui afinidade por células do sistema imunológico, como macrófagos e monócitos, utilizando essas células como hospedeiras para sua multiplicação.

Os sintomas iniciais geralmente surgem de forma abrupta e incluem febre alta, dor de cabeça intensa, dores musculares e articulares, dor atrás dos olhos e sensação de extremo cansaço. Esses sinais são frequentemente confundidos com outras infecções virais comuns, o que pode retardar o diagnóstico correto. A fase mais crítica da dengue ocorre, geralmente, entre o terceiro e o sétimo dia após o início dos sintomas, período conhecido como fase de defervescência. Nesse momento, a febre começa a diminuir, criando uma falsa sensação de melhora clínica. Contrariando essa percepção, é justamente nessa fase que o risco de complicações aumenta significativamente. Os sinais de alerta que indicam possível evolução para dengue grave incluem dor abdominal intensa e contínua, vômitos persistentes, sangramentos espontâneos de gengivas ou nariz, tontura, sonolência excessiva e diminuição da produção de urina. A presença desses sinais exige atendimento médico imediato. Crianças, idosos, gestantes e pessoas com doenças crônicas apresentam maior risco de desenvolver formas graves da dengue, devido à menor capacidade de compensação fisiológica frente às alterações causadas pelo vírus no organismo.

Um dos aspectos mais perigosos relacionados à dengue é a prática da automedicação. O uso indiscriminado de medicamentos sem prescrição médica pode agravar o quadro clínico e aumentar significativamente o risco de complicações hemorrágicas. Medicamentos como ácido acetilsalicílico, ibuprofeno e outros anti-inflamatórios não esteroidais interferem na coagulação sanguínea e na função das plaquetas. Em pacientes com dengue, esses efeitos podem potencializar sangramentos e dificultar o controle clínico da doença.



A reposição de líquidos ajuda a manter o volume sanguíneo adequado, reduzindo o risco de choque e contribuindo para a estabilização do paciente. A ingestão frequente de água, soluções de reidratação oral e líquidos naturais deve ser incentivada desde os primeiros sintomas. O acompanhamento clínico regular permite monitorar a evolução da doença, especialmente por meio da avaliação de sinais vitais e exames laboratoriais, como a contagem de plaquetas e o hematócrito, que auxiliam na tomada de decisões terapêuticas.

Prevenção da Dengue: Estratégias Eficazes e Compromisso Social Contínuo

A prevenção da dengue é reconhecida como a principal e mais eficaz estratégia para o controle da doença, uma vez que não existe tratamento antiviral específico capaz de eliminar o vírus do organismo humano. Ao interromper o ciclo de transmissão do mosquito vetor, reduz-se de forma significativa a incidência de novos casos e o risco de surtos epidemiológicos de grande proporção.

O mosquito *Aedes aegypti* apresenta elevada capacidade de adaptação ao ambiente urbano, utilizando pequenos recipientes com água limpa como locais ideais para sua reprodução. Essa característica torna o combate ao vetor um desafio permanente, especialmente em áreas densamente povoadas e com infraestrutura urbana inadequada.

Grande parte dos focos de proliferação do mosquito encontra-se dentro das residências ou em seus arredores, em objetos de uso cotidiano que frequentemente passam despercebidos. Caixas d'água mal vedadas, calhas obstruídas, pratos de plantas, ralos, bandejas de eletrodomésticos e recipientes descartáveis acumulam água e favorecem o desenvolvimento das larvas.



A eliminação desses criadouros exige atenção constante e mudança de hábitos. A vistoria regular dos ambientes domésticos, ao menos uma vez por semana, é uma das medidas mais eficazes para impedir o ciclo reprodutivo do mosquito e reduzir a presença do vetor nas comunidades. A prevenção da dengue não depende exclusivamente de grandes intervenções estruturais ou tecnologias avançadas. Pequenas atitudes diárias, quando praticadas de forma contínua e coletiva, possuem impacto significativo na redução da circulação do vírus.

A educação em saúde desempenha papel central nesse processo, pois capacita a população a identificar riscos, compreender o ciclo de vida do mosquito e adotar práticas preventivas de forma consciente. Informar corretamente é fundamental para transformar conhecimento em ação. Campanhas educativas eficazes são aquelas que dialogam com a realidade social da população, utilizando linguagem acessível e abordando situações do cotidiano.

O engajamento comunitário amplia o alcance das ações de prevenção, criando redes informais de vigilância que atuam de forma contínua. Vizinhos, familiares e lideranças locais tornam-se multiplicadores de informação e agentes ativos no controle do vetor. A participação coletiva fortalece a percepção de responsabilidade compartilhada, reduzindo a ideia de que o combate à dengue é uma obrigação exclusiva do poder público. Cada indivíduo passa a compreender o impacto de suas atitudes na saúde de toda a comunidade.

A prevenção estrutural também está diretamente relacionada a políticas públicas de saneamento básico, manejo adequado de resíduos sólidos e planejamento urbano eficiente. Ambientes limpos e bem-organizados reduzem drasticamente as condições favoráveis à proliferação do mosquito. Entretanto, enquanto essas políticas não atingem todas as regiões de forma equitativa, a atuação individual e comunitária permanece essencial para minimizar riscos e proteger populações mais vulneráveis.

PREVENÇÃO CONTRA A DENGUE



Remova folhas, galhos e tudo o que possa impedir a água de escoar pelas calhas.



Entregue pneus velhos aos serviços de limpeza urbana ou guarde-os sem água, em local coberto e protegido da chuva.



Coloque o lixo em sacos plásticos e mantenha a lixeira bem fechada. Não jogue lixo em terrenos baldios.



Lave semanalmente, com escova e sabão, os tanques utilizados para armazenar água.



Se você tiver vasos de plantas aquáticas, troque a água e lave-os com escova, água e sabão pelo menos uma vez por semana.



Mantenha tonéis e barris de água bem tampados.



Encha os pratinhos dos vasos de plantas com areia até a borda.



Não deixe água da chuva acumulada sobre a laje.



Mantenha a caixa-d'água sempre fechada, com tampa adequada.



Guarde as garrafas sempre de cabeça para baixo.

Os cursos da UNIFAHE nas áreas de Saúde e Gestão Ambiental capacitam profissionais para enfrentar crises de saúde pública, como a dengue, de maneira técnica, humanizada e fundamentada em dados estatísticos reais. Ao levar esse material educativo às escolas, a instituição reforça seu compromisso com a prevenção e o cuidado, consolidando sua autoridade como uma instituição que vai além do ensino teórico e atua diretamente na proteção da comunidade local. A UNIFAHE acredita que o engajamento estudantil exerce um efeito multiplicador, no qual o aluno se torna um agente ativo de prevenção, levando práticas de combate à dengue para o ambiente familiar e social.



Acompanhe nossas **redes sociais**

  @unifaheoficial    Faculdade Unifahe

 www.unifahe.edu.br